

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO

Gerencia de Operações e Planejamento

Abril - 16



I – Cenário Internacional

A Europa passa um momento de expansão moderada na zona do Euro, porém há expectativa crescente de riscos negativos, como por exemplo, a deflação. Especula-se crescimento do PIB em 1,4% para a região, mas esses fatores podem induzir a um cenário mais pessimista. A deflação se mantém como a principal preocupação europeia, influenciada pelo baixo preço das *commodities* e a apreciação do Euro.

Nos EUA, o FED continua acompanhando atentamente os índices de preço. Analistas de mercado esperam aumento da taxa de juros norte americana em dois períodos ao longo de 2016: em junho e posteriormente no final do ano, em dezembro.

A economia chinesa continua se desacelerando e com perspectivas de forte desvalorização cambial. A resposta do governo tem sido a aplicação de políticas fiscal e monetária expansionistas, com o objetivo de evitar uma fuga maior de capitais, variável que vem preocupando o governo chinês.

No Brasil, a inflação tem surpreendido negativamente. A prévia da inflação oficial acumula 2,79% ao ano, em larga medida influenciado pela expansão dos preços de bens duráveis e de alimentos. O cenário político continua conturbado, com a possibilidade de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

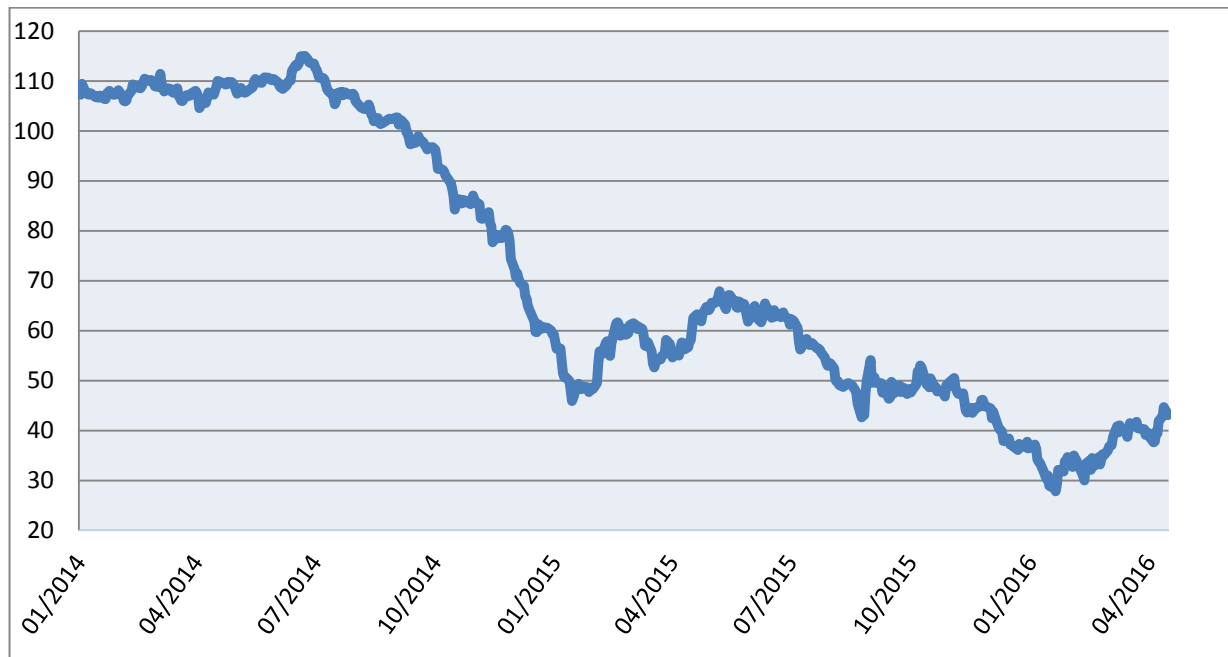
II - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de março um valor mínimo de US\$ 35,95, máximo de US\$ 42,54 e média de US\$ 39,79, com crescimento de 8,56% em relação ao mês anterior.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto cresceram 6,63 milhões na primeira semana de abril, para 536 milhões de barris. O aumento superou a expectativa de analistas, que esperavam crescimento de 1,8 milhão de barris no período. A previsão da Agência Internacional de Energia (AIE) para o preço médio do barril em 2016 é de US\$ 35, acima dos US\$ 34 do que fora previsto no mês passado.

Na luta pela sobrevivência de fatias de mercado, os produtores dos EUA e a Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep), têm mantido a produção elevada, o que deprecia o preço, levando a um círculo vicioso. O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US\$ 31,93, com uma leve tendência de melhora a partir deste momento.

Gráfico 1: Preço do Brent

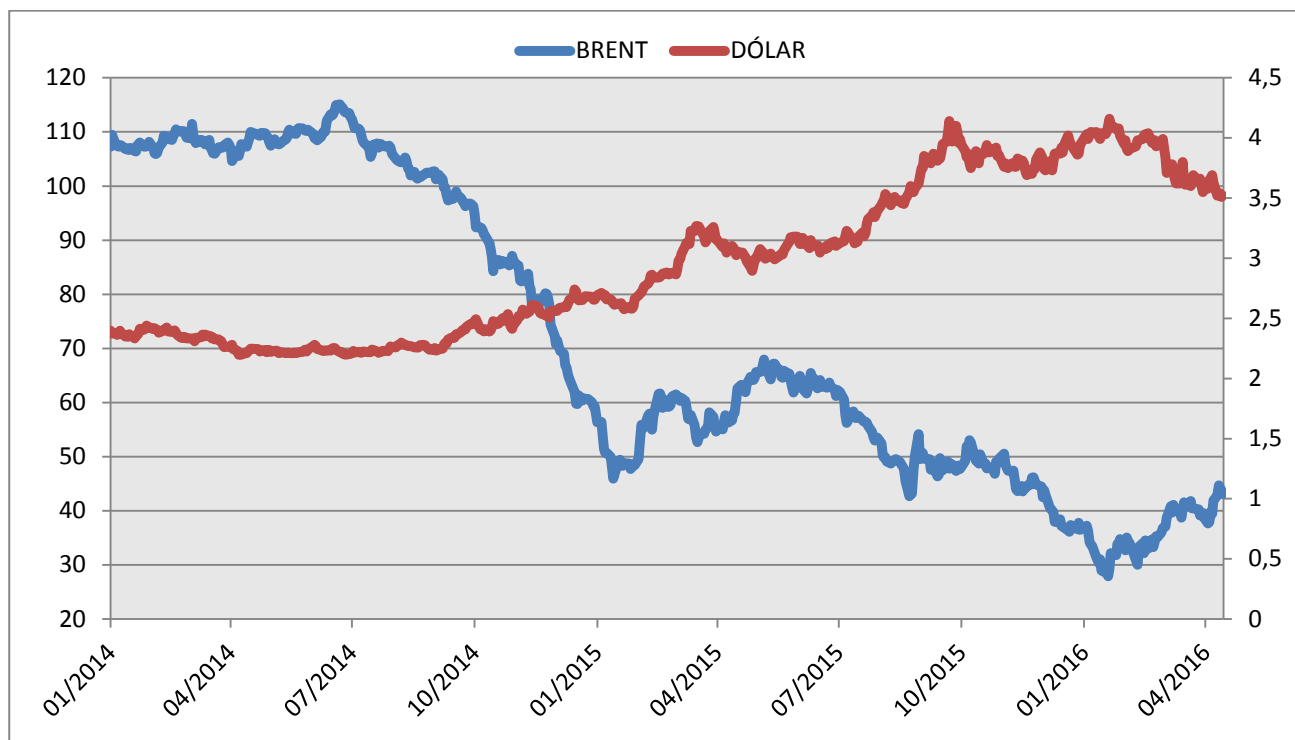


Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,91 entre janeiro de 2014 e março de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A valorização da moeda norte-americana é uma tendência global, que encarece o preço do barril, tipo Brent, pois os negócios são denominados na moeda norte-americana, o que reduz em parte a demanda pelo petróleo. Segundo o Boletim Focus, de 08 de abril de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 4,00. Este tem mostrado uma tendência de queda, o que pode ajudar na recuperação dos preços da *commodity*.

No gráfico 3, retirado da plataforma Bloomberg, observa-se que para o ano de 2016, o preço do petróleo Brent deve fechar em U\$ 46,10, U\$ 48,52 em 2017 e U\$ 50,36 em 2018, representando um aumento médio de 1,82% em relação às projeções do mês anterior.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

Gráfico 3: Mercado Futuro



Fonte: GOP

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2016 foi revisada para baixo em relação às estimativas do mês anterior. Esta redução de expectativa é creditada basicamente devido ao baixo crescimento dos países da América do Sul.

Para a EIA, a expectativa de demanda por petróleo cresceu para 2016 e 2017, com aumento das projeções do PIB real global. Para o consumo da *commodity* em 2016 espera-se crescimento de 1,16 milhão de barris (mb/d) ao dia em relação a 2015, totalizando 94,86 mb/d . Para 2017, o crescimento da demanda deve ser um pouco maior: 1,33 milhão de barris, total de 96,19 mb/d.

IV – Oferta

A AIE espera queda da produção de petróleo nos países fora da OPEP, principalmente nos EUA. A produção deve reduzir cerca de 0,4 milhão de barris por dia em 2016 e 0,5 em 2017.

Nos países integrantes da OPEP, segundo a AIE, a produção deve aumentar 0,6 milhão de barris ao dia em 2016 e 0,5 em 2017. Ressalta-se, contudo, que a projeção é 45% inferior que o previsto no relatório do mês passado.

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um declínio de 0,73 milhão em relação ao relatório do mês passado. Apesar das incertezas da previsão, esta revisão para baixo deve-se queda de produção no Canadá e na Rússia no primeiro trimestre de 2016.

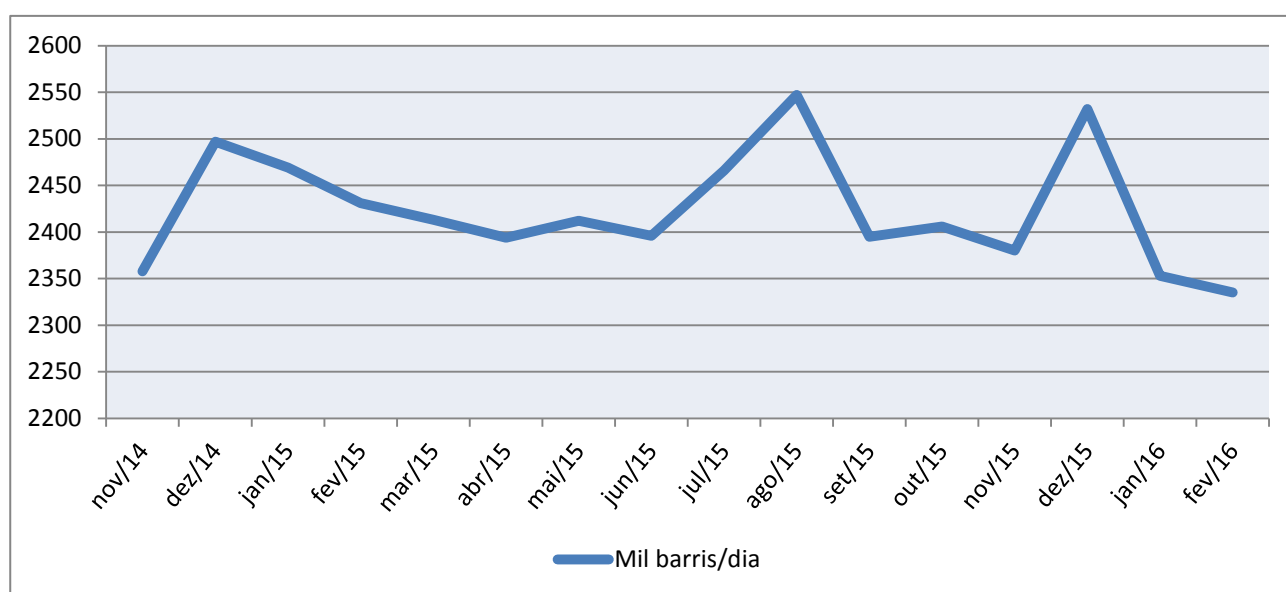
Já os países integrantes do bloco aumentaram sua produção em 15 toneladas de barris ao dia, principalmente devido ao fim das sanções às exportações do Irã.

Pode-se observar que a demanda pode crescer, principalmente em caso de recuperação econômica dos países da América dos Sul, enquanto que a oferta tem demonstrado sinais de queda nos países não integrantes da OPEP e desaceleração nos integrantes. Esta possível convergência de variáveis macroeconômicas poderá recuperar o preço da *commodity* em médio prazo.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de fevereiro foi de 2.335 mil barris por dia, configurando pequena redução de 0,8% em relação ao mês de janeiro, chegando ao patamar de produção mais baixo na série analisada, conforme demonstrado no gráfico 4.

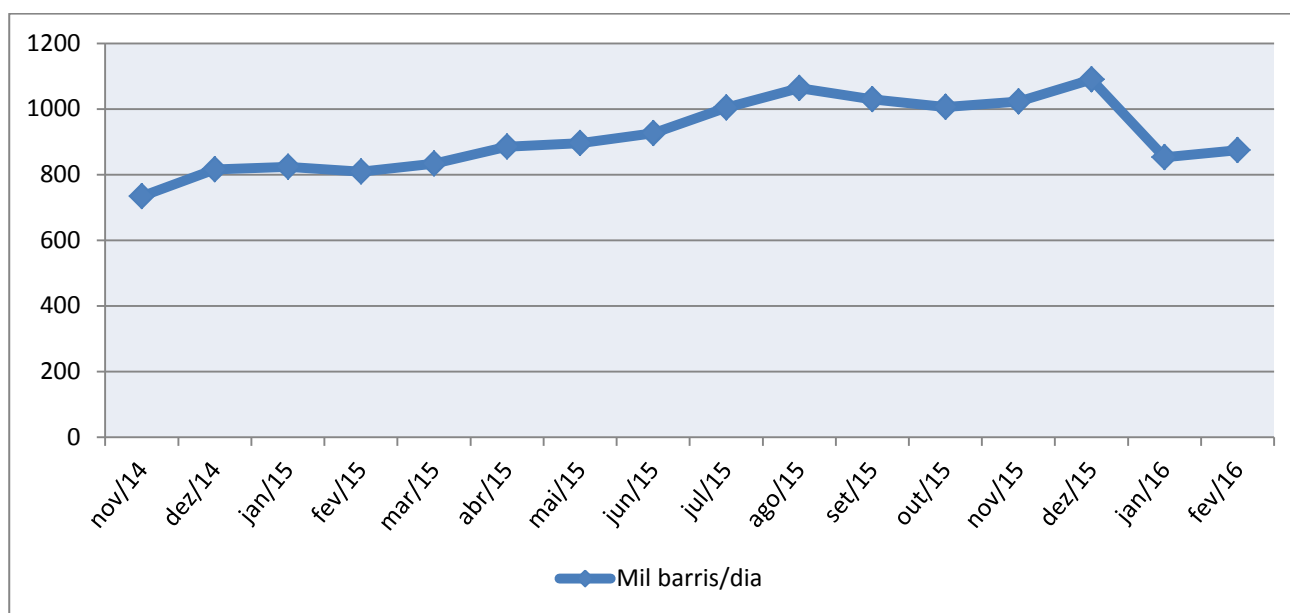
Gráfico 4: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 442,7 mil barris por dia, representando 19% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 874 mil barris, de um total de 57 poços, representando 6% de aumento produtivo em relação ao mês anterior, conforme gráfico 5.

Gráfico 5: Evolução da produção do Pré-Sal



Fonte: GOP

Pelos gráficos, é possível notar certa estabilização na produção nacional de petróleo, já que a queda dos campos pós-sal vem sendo compensada pela produção dos campos pré-sal.

Segundo a ANP, apesar da produção do Rio de Janeiro ter se mantido relativamente estável em relação ao mês anterior, a participação da produção de petróleo do Rio de Janeiro no cenário nacional aumentou 0,2 pontos percentuais, representando 67% da produção nacional. A explicação foi a forte queda de produção no estado de São Paulo. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos 45% da produção fluminense.

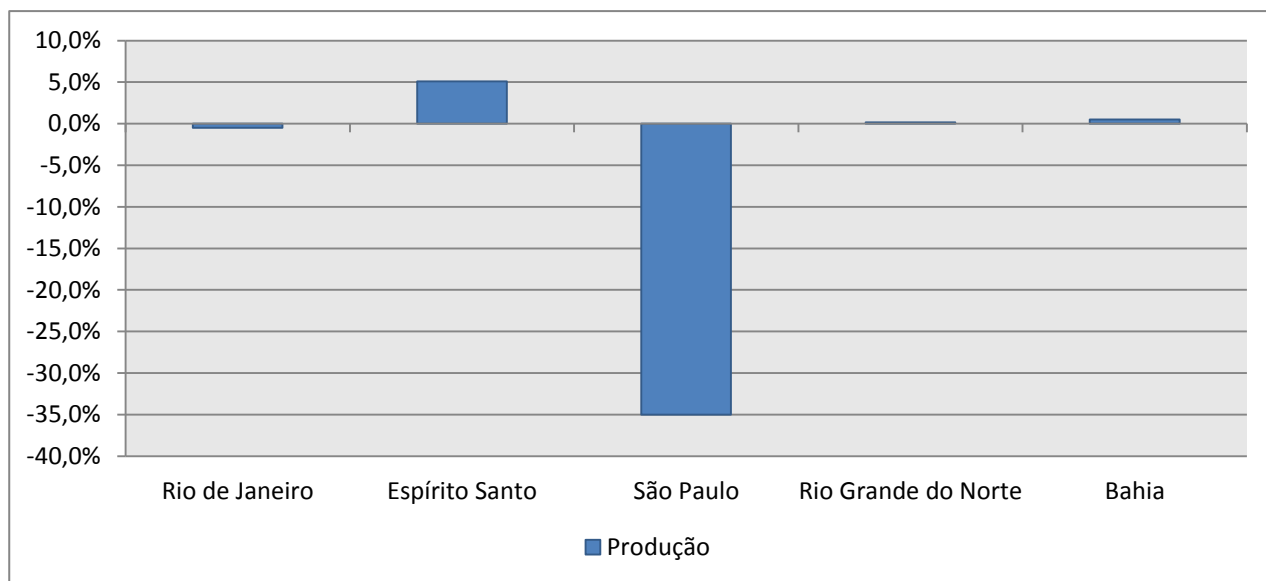
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.565.593	47
Espírito Santo	368.459	43
São Paulo	237.046	5
Rio Grande do Norte	57.854	83
Bahia	38.189	84

Fonte: ANP

Em relação ao mês de janeiro/15, São Paulo foi o estado que se destacou negativamente, já que sua produção caiu 35%. Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Bahia se mantiveram estáveis, enquanto o estado do Espírito Santo teve uma pequena elevação de 5%.

Gráfico 6: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP